

Padrastos no quotidiano: estratégias de construção social do papel de padrasto¹

Cristina Lobo

Resumo: Neste texto dar-se-á conta, por um lado das estratégias de construção social do papel de padrasto, e, por outro, da sua inter-relação com as estratégias de recomposição familiar enunciadas num artigo anterior.

As famílias recompostas, enquanto configurações familiares que integram no mínimo um padrasto e também crianças que se confrontam, a partir de um determinado momento, com um novo marido ou companheiro da mãe guardiã², recobrem uma temática promissora e interessante a ser explorada dentro da sociologia da família³.

Como já dissemos, no artigo anterior, as famílias recompostas não constituem um grupo homogéneo, só pelo facto de terem uma estrutura semelhante e conhecerem mais ou menos os mesmos problemas na sua organização familiar. Não é, pois, por acaso que a especificidade da identidade estrutural destas famílias reside num elemento determinante — o padrasto (Martin, Le Gall, 1991)⁴.

Mas, apesar de se fazer do padrasto uma figura central na problematização deste tipo de configurações familiares, é no entanto, o conjunto formado pela mãe guardiã e os seus filhos que constitui a base através da qual se consolida a família recomposta. E isto, porque quem chega de novo à família (monoparental) é agora o marido/parceiro da mãe.

Quais os contornos do papel social deste padrasto na nova família? Quando nela existem crianças que o precederam; e onde a ausência física do pai biológico no quotidiano não significa um lugar “deixado em aberto”? Por outro lado, esta questão não deve ser separada da possibilidade da vinda de uma nova criança, ou seja, ambos — mãe guardiã e padrasto — podem vir a ser pais biológicos.

Ora, dada a ausência de padrões institucionalizados de conduta que regulem as relações padrastos/enteados, torna-se então necessário investir na construção de um modelo relativamente inédito de comportamento. Isto é, não há um lugar a ocupar, mas um lugar a construir (Le Gall, 1992)⁵.

Do mesmo modo que a família recomposta deve ser analisada, do ponto de vista sociológico, enquanto resultado de um processo de transições familiares⁶, também a construção social do papel de padrasto só através de um processo onde se inscrevam relações sociais, de sexo e de classe pode ser problematizado. Até porque, nunca nos confrontamos com um único modelo de papel social de padrasto, mas sim com vários, na medida em que eles são directamente determinados por factores tais como: classe social, representação da família e o “modo de regulação segundo o qual se estrutura o espaço familiar” (Le Gall, 1992: 103)⁷, correspondendo este último às estratégias de recomposição familiar⁸. Há, portanto, uma relação estreita entre estas estratégias e as de construção social de papéis de padrastos.

Quanto à questão da concepção de um modelo inédito de papel de padrasto, sem no entanto, invadir os papéis pré-estabelecidos, e da conservação do vínculo de paternidade sem o confundir com o laço conjugal, ela remete-nos para a estratégia de perenidade (Thèry, 1985)⁹. Ou seja, refere-se ao reconhecimento da especificidade do novo agregado familiar que impõe a procura desse modelo inédito de comportamento.

Em contrapartida, a negação dessa especificidade pressupõe a presença da estratégia de substituição tanto no processo de recomposição familiar como na construção social do papel de padrasto. Isto é, “apaga-se” a família do primeiro casamento e refaz-se uma nova com o recasamento. O padrasto ocupa então o lugar “deixado em aberto” pelo pai biológico.

Na determinação das estratégias de construção social do papel de padrasto foram accionadas ainda outras variáveis tais como: relacionamento entre padrastos e enteados; representação dos padrastos sobre o que os enteados pensam deles; representação da mãe guardiã sobre o que os filhos pensam dos padrastos; presença dos pais biológicos; tomadas de decisão em relação às crianças; idade das crianças na altura da recomposição; duração do casamento anterior da mãe guardiã e do padrasto.

1. Substituir pela norma: estratégia de substituição?

Das quinze configurações familiares recompostas foram identificadas duas, que apesar de não corresponderem a casos “puros” de substituição no que toca ao modelo de papel de padrasto, se aproximam no

entanto deste tipo de estratégia. Significa isto que, tanto as mães guardiãs como os seus actuais maridos ou parceiros assumem ùuma forma inequívoca a transferência de papéis dos pais biológicos para os padrastos. Curiosamente, são dois grupos domésticos recompostos com lugares de classe diferenciados¹⁰, e ainda mais distantes em termos de classe de origem dos seus elementos.

Nestes dois casos, essa estratégia de “quase substituição” foi identificada principalmente através do empenhamento manifestado pelos padrastos na educação dos enteados, e na necessidade de imposição de normas nos quotidianos das crianças, como se pode verificar pelos discursos dos casais — Pedro/Leonilde e Leonel/Filomena.

Acompanhamento/relacionamento (padrastos/enteados):

“Acompanho o mais possível. Eu mudei o meu horário de trabalho para ir buscá-lo o mais cedo possível à escola, e paguei algum ónus disso na minha empresa”.

Pedro, 35 anos, psicólogo

“Durante o processo de crescimento do meu filho, (...) o Pedro foi muito importante para ele porque introduziu normas. Ele vai às reuniões de pais, é ele que vai, não sou eu, assumiu isso como uma coisa dele. Dá-lhe a mesada não é o pai, é trazer-lhe os jornais para ele ler, é comprar-lhe livros... a primeira gillette”.

Leonilde, 38 anos, psicóloga

“Preocupo-me com os problemas dela como se fosse minha filha. Aliás, não gosto de fazer distinção quando cá estão os dois¹¹. (...) até acabo por me preocupar mais com ela do que com o meu filho que me tem dado menos problemas, principalmente ao nível escolar. Mas, há momentos em que é preciso impor, e nesses momentos eu sou um pai. Faço-lhe o que faria ao meu filho”

Leonel, 37 anos, consultor informático (antigo 3º ano do liceu)

“No fundo funciona como se fosse pai da Ana, o que domina mais na relação deles é a preocupação dele em relação aos estudos. Ele é muito amigo dela, gosta muito dela, nunca se esquece daqueles mimos. Pois, afinal, é ele quem está a assumir o papel de pai”.

Filomena, 35 anos, técnica auxiliar de biblioteca (5º ano do curso comercial)

O que as crianças pensam do padrasto:

“O filho da Leonilde está na fase da ‘ditadura da minha casa’. Gosta de falar comigo sobre algumas coisas: publicidade, crónicas do Miguel Esteves Cardoso, dos filmes que vamos ver juntos, uma coisa ou outra de namoradas e amigos. Mas depois vem ‘a ditadura da minha casa’. Pensa que eu deveria mandar menos, que deveria poder usar os meus livros sem me perguntar nada, que não valia a pena eu zangar-me por causa de uma mancha de café com leite nos meus livros”.

Pedro

“Ela às vezes deve ver nele um ‘chato’, só quer que ela estude. Penso que ela gosta dele, já uma vez me zanguei com ele e ela chorou, disse-me que gostava muito dele”

Filomena

Presença do pai biológico:

“A figura do pai está geralmente ausente. Tento claramente substituí-lo, porque acho que ele tinha uma falta enorme disso”.

Pedro

Como tratam o padrasto:

“ Ele trata-me por Pedro, mas quando se refere a mim aos amigos chama-me padrasto. A primeira vez que ouvi isso... ‘um gajo só se lembra da Gata Borracheira’. Mas é preferível do que o ‘puto’ ver-se em ‘palpos de aranha’ para dizer que tinha dois pais”.

Pedro

Tomada de decisões:

“Normalmente o pai concorda com as decisões que eu tomo. Ele acha que eu sou ótimo com o filho dele, bestial... é até muito elogioso publicamente em relação a isso. Eu decido por ele porque ele não emite opinião sobre uma quantidade de coisas”.

Pedro

Família:

“ Eu antes não tinha família: fazia parte de um casal, não de uma família. Mesmo em relação ao filho da Leonilde eu já sentia isso, e éramos de facto”¹²

Pedro

“Um instrumento de tortura que eu nunca quereria perder. É qualquer coisa de imprescindível para dar sentido à vida, apesar de ser uma carga de trabalhos”.

Leonel

Em ambas as configurações familiares, os papéis de padrasto estruturaram-se segundo uma estratégia muito próxima da substituição, mas como o lugar do pai biológico continua a existir, será talvez mais prudente chamar-lhe apenas estratégia de “transferência de papéis”. No entanto, as razões dessas “substituições” diferem nos dois casos: na primeira o pai biológico do filho da Leonilde, advogado, frequentemente ausente do país, pediu ao Pedro para o substituir; na segunda configuração, dado o fraco capital cultural do pai da filha da Filomena (operário), o Leonel tomou em mãos a educação da enteada. É claro que, em ambos os casos as primeiras famílias não foram totalmente “apagadas”; aliás, a filha da Filomena visita a casa do pai com alguma frequência.

Importa notar, que o processo de recomposição do grupo doméstico da Filomena e do Leonel se estruturou segundo a estratégia de perenidade conflitual, existindo, portanto, muitas afinidades com a estratégia de substituição; e, também no caso da Leonilde e do Pedro, o grupo doméstico recompôs-se pela simultaneidade das duas lógicas — perenidade conflitual e substituição.

Há, portanto, quatro questões a salientar: a primeira diz respeito à convergência entre as estratégias de recomposição e as de construção social do modelo de padrasto; a segunda prende-se com a clara transferência de papéis dos pais biológicos das crianças para os padrastos; a terceira refere-se, por um lado, à representação negativa que todos guardam da primeira família, e, por outro, ao facto de o padrasto Pedro sentir que já tinha uma família quando só existia o filho da Leonilde (esta questão é importante na medida em que vamos encontrá-la nas outras estratégias de construção do papel de padrasto); e por fim, o facto de este tipo de estratégia — muito próxima da substituição — se identificar também em fracções de classe da pequena burguesia com e sem habilitações superiores.

À semelhança daquilo que se constatou acerca das estratégias de recomposição familiar, ou seja, uma sobrerepresentação da estratégia de perenidade nas fracções de classe da burguesia e da pequena burguesia, o mesmo se verificou em relação às estratégias de construção social do papel de padrasto. Isto é, após uma análise mais filtrada, foi possível captar dentro da estratégia de perenidade diferenças significativas nos processos de recomposição, consoante fracções de classe também dife-

renciadas; a essa variedade de estratégias de perenidade — conflitual, formal e informal — corresponderam as mesmas estratégias de construção social do papel de padrasto.

2. Substituir para conservar: estratégia de perenidade conflitual

Nos casais recompostos em que a família se estruturou pela estratégia de perenidade conflitual, ressaltaram algumas características comuns referentes à construção social do papel de padrasto, e que passamos a ilustrar através de excertos dos discursos de alguns dos elementos das configurações familiares recompostas:

Acompanhamento/relacionamento (padrasto/enteado):

“De início a minha relação com a filha da Isaura não foi fácil, disputávamos o espaço da mãe (...). Ora é evidente que em termos práticos, em termos de vivência do dia-a-dia, é como se fosse minha filha (...) ‘assimilei-a’ completamente como um elemento da família, fazia parte da mãe”.

César, 39 anos, músico

“Quando a minha filha tinha cerca de cinco ou seis anos quase nunca via o pai... e ela nessa altura penso que fez a transferência para o César, embora tivesse muito a noção de que tinha pai”.

Isaura, 33 anos, professora de expressão dramática no secundário

“Sinto-me padrasto/amigo. A minha relação com ele é pró-paternal (...) é uma relação paternal sem ser, é a relação de padrasto mesmo. Durante muitos anos fui eu que tratei das questões, doenças, levá-lo a jogar à bola, essas coisas. Durante uma série de anos fui uma autoridade de pai, acho que sim”.

Adérito, 43 anos, psicólogo

“Ele tem uma ótima relação com o Adérito. Quando ele era mais pequeno quem o levava à escola era o Adérito, as ‘cacas’ era também ele, lavou fraldas, imensas, ia ao hospital sem hesitar”.

Berta, 37 anos, secretária de direcção

O que as crianças pensam do padrasto:

“Vê-me como um grande amigo. É a pessoa que lhe dá a mão se ela precisar. Talvez até na cabeça dela eu ocupe um bocadinho o espaço reservado ao pai... acho que sim”.

Francisco, 40 anos, engenheiro

Presença do pai biológico:

“Está suficientemente presente para ela ter até um sentimento que eu acho estranho, que é ela ter pena do pai. O ex-marido da Alexandra quando saiu de casa desligou-se dos filhos por completo, e eu tenho sempre tentado que ele faça parte da educação deles, que tenha responsabilidades”.

Frederico, 49 anos, bancário

“Ele (ex-marido) não tem obrigações, as obrigações são para os outros, é uma pessoa completamente desligada dos outros”.

Alexandra, 41 anos, bancária

Tomada de decisões:

“No aspecto das decisões o pai dele não participa muito, é mais a mãe. (...) ele alienou-se (...) Paga porque tem de pagar, está com o filho porque tem de estar”.

Antero, 28 anos, designer de interiores

“As decisões importantes em relação ao meu filho quem as toma sou eu. Nisso sou ‘mãe galinha’”.

Isilda, 33 anos, designer de interiores

“Tomava-as sozinho, até porque acho que é minha obrigação Quem deve tomar as decisões é quem se preocupa com a criança. Talvez já não fizesse o mesmo se casasse com a minha mulher hoje”.

Francisco

“Sem querer eu fiquei com ela a meu cargo desde muito pequenina, eu senti a filha só minha (...) portanto, sem querer fui sempre pai e mãe”.

Filipa, 45 anos, trabalha na empresa do marido (Francisco)

Família:

“(...) embora tenha muito gosto em ter a filha que tenho, acho que se não a tivesse não deixaria de ter a família maravilhosa que tenho... não era absolutamente imprescindível para eu sentir que tinha uma família”.

Frederico

Destes discursos dos casais recompostos sobressaiu, por um lado, a estratégia de perenidade conflitual na construção social do papel de padrasto; por outro, pressente-se que estes padrastos estão muito próximos daqueles que estruturaram o seu papel sob a estratégia de “transferência de papéis”. Trata-se, na maior parte dos casos, de padrastos que, no fundo, desempenharam no quotidiano as funções de pais, pelo menos até o(a)s enteado(a)s ultrapassarem a fase da adolescência.

Acontece quase sempre serem as mães guardiãs que sublinham de forma mais vincada a ausência do pai biológico dos seus filhos, principalmente quando estes eram pequenos, e a transferência da educação das crianças para os padrastos. Esta transferência, ou este assumir do papel de pai é, também, explicitada pelos padrastos, mas em alguns casos de forma mais “envergonhada”.

É claro que, por princípio, não faz parte desta estratégia de papel de padrasto ocupar um lugar que na verdade não está vazio, já que, mesmo podendo não existir uma presença física do pai biológico no quotidiano, existe a imagem dessa presença que as crianças formam e que as mães ajudam a construir. No fundo, talvez seja preciso substituir essa presença para conservar pelo menos essa imagem.

Importa ainda referir, no que diz respeito à representação da família, o facto de alguns padrastos reconhecerem, exactamente como os padrastos da estratégia anterior, que antes do nascimento de filhos comuns do casal recomposto já existia “a sua família”. Isto é, foi o conjunto formado pela mãe guardiã com os seus filhos que constituiu a base através da qual se consolidou a família recomposta e não a vinda de uma nova criança.

Esta última questão reforça ainda mais o sentimento forte de amizade, protecção e de amor destes padrastos para com os enteados que se foi desenvolvendo ao longo dos anos de convivência quotidiana. Não esqueçamos, que entretanto, estamos a falar de recasamentos e de coabitações com duração entre seis e treze anos, o que quer dizer que, quando a família se recompôs estas crianças eram muito pequenas.

3. Formalidade e distanciamento: estratégia de perenidade formal

Nos dois grupos domésticos recompostos, estruturados segundo a estratégia da perenidade formal, identificaram-se algumas regularidades no que diz respeito à estratégia de construção social do papel de padrasto.

Acompanhamento/relacionamento (padrasto/enteado):

“Boa relação. Eu diria que me sinto mais amigo, porque pai não sou e esse termo de padrasto para mim... Dentro do possível acompanho. Não quer dizer que acompanhe a cem por cento, mas dentro do possível, quando eles têm dúvidas, pelo menos em termos de escola... se eu fosse pai biológico é evidente que tinha outro tipo de comportamento... se calhar dar dois berros a uma das crianças, todo o mundo fica chateado. Se eu dou dois berros ao meu filho já ninguém diz nada”.

Zé, 39 anos, “negócios”

“No princípio quando me casei com o Zé era mãe e pai dos miúdos. (...) Ele perguntava-me se eu queria ajuda, só que isso nunca funcionou comigo, talvez se ele assumisse uma posição mais activa... Sempre que têm um problema os meus filhos contam-mo a mim em primeiro lugar, o Zé participa ou não. Hoje já conversam mais... desde que o bebé nasceu, o Zé conversa muito mais com eles”.

Noémia, 34 anos, gerente de boutique

“Somos dois amigos, ele não quer que me aconteça nada e eu não quero que lhe aconteça nada a ele. Preocupa-se comigo, sinto-me acima de tudo um amigo. Foi uma relação diferente da de um pai biológico. Eu era capaz de um berro mais facilmente ao meu próprio filho”.

Mário, 49 anos, bancário

“Em relação à educação do meu filho o Mário nunca interferiu... também não achei necessário que o Mário chamasse a si qualquer obrigação em relação ao meu filho”.

Florinda, 40 anos, bancária

O que as crianças pensam do padrasto:

“Penso que devo ter uma boa impressão para eles. Sou amigo deles, converso com eles, dentro daquilo que eu acho que devo fazer e ser, sou”.

Zé

“Os meus filhos gostam dele. Ele nunca levantou a voz para eles, nunca me demonstrou que os miúdos não são queridos em casa”.

Noémia

“A relação deles é muito cordial, o meu filho trata o Mário ou pelo nome ou por ‘você’, é de camaradagem e agora está ser cada vez mais de igual para igual”.

Florinda

Presença do pai biológico:

“Eu acho que eles têm uma boa relação com o pai biológico. A partir daí eu já não posso substituir o pai”.

Zé

“No princípio quando me casei com o Zé os meus filhos tinham uma relação de fim de semana com o pai... porque os filhos já crescidos o fascinam, agora ele é um pai insubstituível”.

Noémia

“A relação do meu filho com o pai já não passa por mim”.

Florinda

Tomada de decisões:

“Quem toma as decisões todas é a mãe deles”.

Zé

“É ela que assume essas responsabilidades como os dois: pai e mãe”.

Mário

Nos discursos dos elementos dos dois casais recompostos segundo a estratégia da perenidade formal ressalta um certo distanciamento nas relações entre padrastos e enteados. Esse distanciamento foi talvez mais visível no caso do Zé.

A relação muito estreita e quase paternal observada nas outras configurações, não se verificou aqui. O acompanhamento reduz-se a “tirar dúvidas” sobre assuntos relacionados com a escola e pouco mais.

Também é um facto que a Noémia e o Zé se recasaram apenas há dois anos, o que pode explicar a pouca aproximação entre o padrasto e os enteados. No entanto, no caso da Florinda e do Mário apesar de se tratar de uma coabitação de oito anos, verificou-se o mesmo distanciamento nas relações entre o padrasto e o enteado, e até revestido de alguma formalidade. Há, no entanto, a ter em conta, por um lado o facto de o Mário ter filhos de um longo primeiro casamento, que terminou por iniciativa dele, e com muitos conflitos pelo meio, e por outro, de o filho da Florinda já não ser uma criança quando o Mário entrou na família.

Nestas configurações as mães guardiãs sempre desempenharam os dois papéis — pai e mãe — libertando os padrastos de grandes responsabilidades, mas talvez, porque a relação padrastos/enteados nunca se revestiu de uma forte afectividade.

4. Informalidade e preservação: estratégia de perenidade informal

Nos grupos domésticos recompostos sob a estratégia de perenidade informal tomou-se mais em consideração a presença física do pai biológico das crianças, reconhecida, aliás, pelos padrastos com quem por vezes mantêm relações de amizade. No entanto, esse reconhecimento não impede que os padrastos tenham “substituído” o pai biológico em certas fases mais complicadas do crescimento das crianças, no quotidiano.

Acompanhamento/relacionamento (padrasto/enteado):

“Durante bastante tempo foi difícil conseguir acompanhá-la (a enteada). À medida que foi crescendo foi-se tornando mais fácil. Às vezes esqueço-me que não sou pai, ela trata-me por padrasto ou padrastão. (...)Esse contacto com o pai aos fins de semana vinha de certo modo abalar a progressão do nosso relacionamento”.

Cláudio, 42 anos, professor de educação visual

“Gosto deles sinto-me um bom amigo, é mais uma relação de amizade que de autoridade. O termo padrasto cá em casa não é pejorativo, é um gajo

que de vez em quando é pai em certas coisas, dá jeito, ajuda... mas não é como pai”.

Celso, 41 anos, dirigente sindical

“Penso que o meu filho fez uma transferência muito nítida, aliás, dá-se menos bem com o pai (...) Para todos os efeitos o seu imaginário de figura masculina é o Celso... portanto o pai do meu filho é o Celso. A minha filha não, ela teve sempre uma relação excelente com o pai, aliás, o pai adora esta menina, ela teve sempre pai é pai”.

Idalina, 49 anos, socióloga

O que as crianças pensam do padrasto:

“Pensam que sou um gajo porreiro. Não chateia com conceitos esquisitos, não faz restrições... além disso gostam de mim, isso para mim é claro”.

Celso

“Se a minha mãe morresse agora, eu ficava a viver com o meu padrasto, não ia viver com o meu pai. No dia a dia estou mais à vontade para conversar com o meu padrasto”.

enteada do Celso¹³

“O Cláudio é o segundo pai. Um dia ela disse: tenho de reconhecer que o pai nunca está quando preciso dele, o Cláudio é que foi meu pai, foi ele que me ajudou quando eu precisava, ele é que me ia buscar à escola, que me ajudava a fazer os trabalhos de casa, ele é que foi meu pai, mas eu tenho pai e tenho de gostar dele como ele é”.

Ester, 46 anos, médica

Presença do pai biológico:

“Substituir a figura do pai biológico, nunca. Substituí-lo nunca! Isso não estava correcto da minha parte. (...) ele trata-me pelo nome”.

Maurício, 29 anos, chefe de uma equipa de vendas

“O pai é a pessoa que tem a autoridade, embora ele pergunte ao Maurício — deixas-me (...) é de uma maneira diferente, é mais um respeito. O pai não, é aquela pessoa que tem a autoridade e o direito sobre ele”.

Luísa, 34 anos, dona de um cabeleireiro

“O ex-marido da Ivone sempre teve uma boa relação connosco, vinha a casa sempre que queria, íamos jantar fora juntos. O pai sempre esteve muito presente, vem cá a casa nunca se afastou”.

Olavo, 45 anos, actor

Tomada de decisões:

“Mas o facto de ser eu a tomar as decisões sempre me pareceu normal, talvez de facto, inconscientemente eu não tenha passado realmente as ‘ré-deas’ para a mão do Olavo”.

Ivone, 46 anos, professora no secundário

“Nisso sou eu e mais ninguém, não há pai nem padrasto, e decido sempre por eles, por aquilo que eles querem”.

Idalina

“Eu dou a minha opinião, depois a Luísa , é lógico, também tem de falar com o ex-marido. Normalmente a decisão é sempre tomada principalmente pela Luísa”.

Maurício

Família:

“O nascimento dos filhos comuns não trouxe nenhuma alteração ao sentimento de família”.

Cláudio

“Eu sou diferente, a família em si é muito semelhante, as pessoas são quase as mesmas, o relacionamento das pessoas no quotidiano é muito semelhante”.

Ivone

“Acho que a partir do nascimento da nossa filha começou a entrar o sentimento de família que até lá eu não havia pensado. (...) mas foi-se instalando e fez-me até começar a defender os valores da família. É uma coisa que pode parecer ‘lamechas’, mas no fundo, às tantas será isso mesmo, esse sentimento que tem várias cores, mas no fundo é o amor”.

Olavo

Na estratégia de perenidade informal subjacente à construção social do papel de padrasto identificaram-se casos de não substituição clara dos

pais biológicos (Olavo, Celso e Maurício), e outro em que o lugar do pai biológico da enteada foi de certa forma ocupado no quotidiano pelo padrasto (Cláudio).

Contudo, neste último, a presença do pai biológico não deixou de marcar o relacionamento entre o actual marido da mãe e a enteada.

É interessante notar, também, o facto de dois desses padrasto (Olavo e Celso) constituírem uma referência em matéria de valores, de maneiras de estar na vida, para os (as) enteados (as). No entanto, para a filha da Ester o padrasto foi sempre um segundo pai, porque era uma figura sempre presente no seu quotidiano.

O que se destaca desta estratégia de perenidade informal é, sem dúvida, a informalidade de relacionamentos entre todos os elementos das várias famílias recompostas e a circulação dos filhos das mães guardiãs pelas respectivas casas.

Se quando nos referimos à estratégia de recomposição informal, num artigo anterior, a consideramos como exemplo de “casos ‘perfeitos’ de regulação de relações familiares recompostas”¹⁴, talvez o mesmo não seja verdade para a estratégia de construção social do papel de padrasto. Isto é, nem todos os pais biológicos cumpriram integralmente o seu papel sem deixarem margem ao padrasto para intervir na educação do(a)s enteado(a)s.

Considerações finais

Procurando agora sintetizar o que temos vindo a expor, no que respeita às estratégias de construção social do papel de padrasto, salientam-se as seguintes questões:

- a) a substituição faz também parte das estratégias de construção social do papel de padrasto das fracções de classe da burguesia e da pequena burguesia. Não uma substituição em termos de lugar, mas uma transferência de papéis em relação à educação e ao acompanhamento diário dos enteados pelos padrastos;
- b) As duas estratégias — perenidade e substituição — misturam-se de forma muito visível na estratégia de perenidade conflitual da construção social do papel de padrasto, como se verificou, aliás, no processo de recomposição dos grupos domésticos maioritariamente provenientes da pequena burguesia;
- c) Na estratégia de perenidade formal, mais vincada nas fracções de classe desprovidas de qualificações académicas superiores, a conflitualidade é sublimada pelo distanciamento e formalidade de relações entre os membros das várias famílias recompostas;

- d) A auto-regulação das relações entre todos os protagonistas do processo de recomposição, e particularmente da construção social do papel de padrasto, é a característica privilegiada na estratégia de perenidade informal das fracções de classe da burguesia e pequena burguesia providas de diplomas do ensino superior;
- e) Importa ainda referir a centralidade do papel das mães guardiãs na gestão de toda esta trama de relacionamentos, uma vez que todas as tomadas de decisão passam por elas, independentemente dos tipos de estratégias de construção social do papel de padrasto.
- f) Não terá sido, na maioria dos casos, a vinda de uma nova criança que imprimiu um sentimento de família a estas configurações familiares recompostas, e particularmente no caso dos padrastos esse sentimento já era forte quando apenas existiam as crianças duma relação anterior das suas actuais mulheres.

Notas

- ¹ Este texto tem como base um trabalho desenvolvido pela autora no âmbito da Dissertação de Mestrado em Sociologia pelo ISCTE, em 1994, e uma pesquisa financiada pela JNICT.
- ² Esta definição relaciona-se com a opção metodológica de tomarmos para objecto real da pesquisa, única e exclusivamente, as configurações familiares recompostas constituídas pelos seguintes elementos: mãe guardiã, filho(a)s de um casamento ou coabitação anterior e um padrasto não guardião. Ficaram assim excluídos os casos das famílias de madrastas, ou ainda o tipo mais complexo de família recomposta do género “os meus, os teus e os nossos”.
- ³ Ver a propósito das famílias recompostas Cristina Lobo (1995a), “Do (re)casamento às estratégias de recomposição familiar”, *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº18, pp. 69- 95.
- ⁴ Vd. Didier Le Gall e Claude Martin (1991), *Composer avec le logement - recomposition familiale et usage de l'espace domestique*, Centre de Recherche sur le Travail Social, Université de Caen, (policopiado).
- ⁵ Vd. Didier Le Gall (1992), “Paratres D’aujourd’hui: formes de rôle beau-parental dans les famille héritières d’une union antérieure avec enfant(s)”, Comunicação apresentada no Colóquio *La Construction Social de la Parente*, Université de Genève.
- ⁶ Ver a propósito do processo de recomposição familiar, Cristina Lobo (1995).
- ⁷ Vd. Didier Le Gall (1992), “Rôle beau-parental et nouvel enfant dans les familles composées”, in *Familles et Contextes Sociaux: les espaces et les temps de la diversité*, Actes du Colloque de Lisbonne, CIES / AISLF, pp.102-112.
- ⁸ Sobre as estratégias de recomposição familiar - Perenidade e Substituição - ver Cristina Lobo (1995a).
- ⁹ Vd. Irène Thèry (1985), “La référence à intérêt de l’enfant: usage judiciaire et ambiguïtés”, in *Du Divorce et des Enfants*, J. L. Bourguignon, Paris, PUF, pp. 33-114.
- ¹⁰ O Pedro e a Leonilde pertencem à Pequena Burguesia Intelectual e Científica (PBIC); o grupo doméstico actual do Leonel e da Filomena corresponde à Pequena Burguesia Proprietária e Assalariada (PBPA).
- ¹¹ O Leonel tem um filho do primeiro casamento que vive com a mãe.

¹² O Pedro e a Leonilde tiveram um filho, uns anos depois de coabitarem.

¹³ Por acaso a filha da Idalina (estudante de Sociologia) assistiu à entrevista da mãe e não resistiu a intervir neste momento. No entanto, esta breve intervenção levou-nos a pensar como seria interessante, num trabalho futuro, entrevistar também os enteados.

¹⁴ Vd. Cristina Lobo (1995a): 90.

Cristina Lobo. Socióloga do Centro de Investigações e Estudos de Sociologia / Departamento de Sociologia / ISCTE. Qualquer correspondência pode ser endereçada para a autora: ISCTE — Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Av. das Forças Armadas, 1600 Lisboa, ou pelo fax: 01 794 00 74.